

Intelectuais de Comunicação, o alemão Harry Pross e o tcheco Ivan Bystrina dão aqui importantes testemunhos sobre as últimas transformações políticas em seus países. Os dois estiveram recentemente no Brasil, participando como conferencistas do Seminário Internacional de Jornalismo, promovido pela PUC-SP, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e Prefeitura Municipal de Santos.

Reunificação apressada custará caro aos alemães

Fábia Monteiro Larsen

A reunificação alemã foi uma grande vitória da diplomacia soviética, pois Gorbachev conseguiu, em pouco tempo, aquilo que Stalin tentou durante anos, sem êxito: garantir sua influência sobre toda a Alemanha. Essa é a opinião do jornalista e intelectual alemão Harry Pross, de 66 anos, que não concorda com a forma apressada pela qual a reunificação germânica foi conduzida.

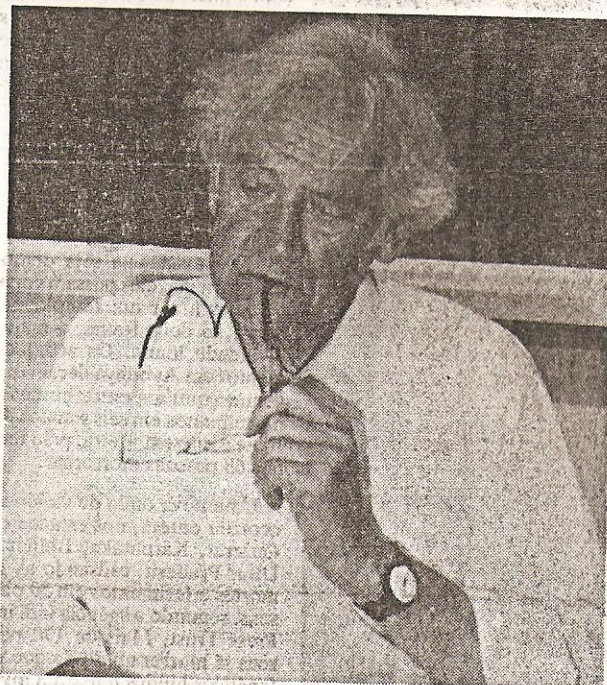
Além disso, diz ele, a reunificação não representa um mérito do povo alemão, pois não partiu da Alemanha. Ela foi, isto sim, consequência de uma reação em cadeia gerada pela queda da Cortina de Ferro no Leste Europeu.

"A introdução do marco ocidental foi feita tão às pressas que a economia da República Democrática Alemã (RDA) perdeu as suas bases de exportação no Leste Europeu, na Tchecoslováquia, na Romênia, na Hungria e na União Soviética, pois os outros países socialistas do Leste Europeu não tinham condições de pagar pelas exportações da RDA em marcos ocidentais", relata Pross.

Isso gerou desemprego maciço e sérios problemas na área social, que, segundo o professor Pross, poderiam ter sido evitados se os condutores da reunificação tivessem procedido mais cautelosamente.

O jornalista ressalta que a questão da influência soviética sobre a Alemanha é um "problema antigo" na Europa, que remonta à fundação do Segundo Reich alemão em 1871. "Sempre existiu essa dificuldade para a política alemã, de definir as relações com a Rússia, por um lado, e com a Europa Ocidental, por outro, e de produzir um equilíbrio entre essas relações", explica.

Do ponto de vista econômico, Pross afirma que o empenho de Gorbachev pela reunificação se deve ao seu grande interesse em "atrair os capitais da República Federal da Alemanha (RFA) e o know-how tecnológico alemão para



Quem é Harry Pross

Harry Pross nasceu na Alemanha em 1923. Lutou na Segunda Guerra Mundial, na qual foi gravemente ferido, e sua experiência no conflito fez com que se tornasse um pacifista declarado.

Foi redator-chefe da Rádio Bremen entre 1963 e 68, ano em que criou os cursos de Comunicação da Universidade Livre de Berlim, lecionando até 1983. É autor de 25 livros sobre jorna-

lismo, comunicação, política e literatura, nenhum ainda traduzido para o português.

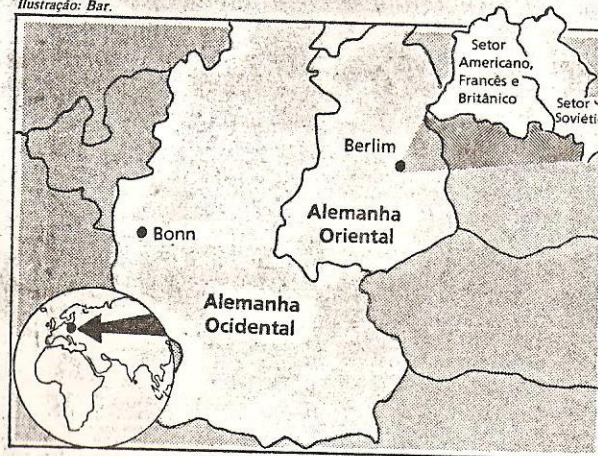
Suas obras mais recentes são: *A Maioria das Notícias é Falsa* (71), *Estrutura Simbólica do Poder* (74) e *Obrigações. Ensaio sobre a Violência Simbólica* (81). É colaborador como comentarista de diversos canais de Rádio e TV da Alemanha.

cias futuras ainda imprevisíveis, inclusive sobre a reunificação da Europa Ocidental.

"Eu pessoalmente sou otimista, porque acredito que as possibilidades de confronto militar deverão ser mais reduzidas ainda", diz o professor.

Mundial, ele já previa que ocorreriam transformações no momento em que os Estados Unidos e a União Soviética se entendessem. "Isso aconteceu quando as duas superpotências chegaram à margem da bancarrota do Estado por causa da corrida armamentista",

Ilustração: Bar.



Divisão foi após II Guerra

Pesquisa A TRIBUNA

O território alemão, situado na Europa Central, foi dividido em quatro zonas de ocupação, depois da derrota de Adolf Hitler, em 1945. Terminava aí a história do 3 Reich (período nazista) e da Segunda Guerra Mundial, que deixava como consequência uma Alemanha para quatro donos (França, Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética). O mesmo acontecia com a capital do Reich, Berlim, que ficava em área de dominação soviética.

Quatro anos mais tarde, as partes que cabiam à França, Estados Unidos e Grã-Bretanha se uniram, formando a República Federal da Alemanha, ou Alemanha Ocidental. Os países dominadores retiraram suas tropas desse território em 1954. A parte dominada pela União Soviética continuou existindo com o nome de República Democrática Alemã, ou Alemanha Oriental.

Berlim, de acordo com o Estatuto das Quatro Potências elaborado depois

da ocupação em 1945, deveria ser governada pela Kommandantura Aliada, com administração civil única para as zonas britânica, francesa, americana e soviética. Mas os comunistas locais se apoderaram da prefeitura e os soviéticos abandonaram a Kommandantura.

Começa aí a questão de Berlim. A cidade fica dividida em ocidental e oriental. A primeira, embora constituindo parte da República Federal Alemã, não está totalmente integrada nesta, devido a restrições constitucionais. A parte de Berlim dominada pelos soviéticos é integrada à República Democrática Alemã, definitivamente.

A questão agravou-se quando a Alemanha Ocidental decidiu sobre a criação de um governo autônomo, sob os protestos dos soviéticos. Num estorço para obrigar aquelas potências a abandonar Berlim, em junho de 1948, as autoridades soviéticas impuseram um bloqueio, para interromper a comunicação entre Berlim e a República Federal, com a construção de um muro.

"Por essa razão", acrescenta, "Gorbachev permitiu que a Cortina de Ferro fosse descerrada", provocando a reação em cadeia que tem sido observada nos anos 89 e 90.

Pross confirma que, no fundo,

não consensual em todo o espectro político. "Isto é algo de completamente inusitado para a Alemanha, pois normalmente os alemães são integralmente a favor de alguma coisa ou integralmente contra".

Pross também não acredita que

mais forte no continente europeu, como também a que tem os salários e o padrão de vida mais elevados.

Pross não considera infundados os temores manifestados pelos judeus e outros povos de que a nova Alemanha, fortalecida militar e economicamente, repita os erros do passado e volte a ameaçar a paz na Europa. "Nós, como alemães, temos razões de sobra para termos medo e muito medo de nós mesmos. A História alemã, desde 1871 até 1945, foi caracterizada por um período cheio de arrogância política, arrogância militar e expansão econômica".

Apesar disso, Pross não acredita que, num mundo totalmente diferente, possam se repetir hoje os fenômenos que ocorreram a partir de 1914 e 1939, e que desencadearam as duas guerras mundiais.

Na sua opinião, a Alemanha tem pela frente outro tipo de desafio. "Nos próximos 10 anos, nós teremos grandes problemas de ordem socio-estrutural".

Citando dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Morgan, da Inglaterra, Pross diz que a reunificação apressada custará 180 bilhões de marcos por ano ao país. "Nós não podemos buscar esse dinheiro junto aos tchecos e poloneses", afirma o professor. "Nós teremos que trabalhar para produzir esse valor, e isso significa que teremos que reduzir as despesas com a corrida armamentista".

Paralelamente, a Alemanha terá que buscar a convivência pacífica com a União Soviética e a Europa Ocidental, diz o jornalista. "Do contrário não teremos condições de arcar com essa despesa".

Nesse sentido, analisa Pross, "a vitória da diplomacia soviética é uma vitória para toda a Europa".

Ainda assim, o professor alerta para o problema que representa o surgimento de uma nova unidade nacional na Europa Ocidental no momento em que o Mercado Europeu é constituído pelas nações unidas e não pelas nações individuais.

Um exemplo de que isso

...os capitais da República
era da Alemanha (RDA) e o
ow-how tecnológico alemão pa-
ra melhoria da situação na própria
União Soviética”.

Nas negociações que antecede-
ram à reunificação, foi firmado
um primeiro acordo diplomático
que acertou algumas posições bá-
sicas da nova Alemanha com a
União Soviética. Na opinião de
Pross, esse é um dado bastante sig-
nificativo, embora de consequên-

...rão ser mais reduzidas ainda”, diz
o professor.

“Por outro lado”, questiona,
“devemos nos perguntar o que es-
sa Alemanha aumentada e a
União Soviética poderão signifi-
car para a Tchecoslováquia, a
Hungria, a Polônia e outros paí-
ses”.

Pross afirma que, desde a divi-
são da Alemanha, fruto da guerra
fria ao final da Segunda Guerra

gem da bancarrota do Estado por
causa da corrida armamentista”,
diz ele.

Segundo o professor, não se po-
de explicar de outra forma o apa-
recimento e o comportamento de
um político como Mikhail Gorba-
chev. “Ele foi o homem que ali-
viou a União Soviética com rela-
ção aos gravames da política ex-
terna”, para tentar resolver as cri-
ses políticas internas do país, opina.

Pross confirma que, no fundo,
muitos alemães-ocidentais não
concordam com a reunificação.
Ele conta ter visto várias picha-
ções em muros de Berlim expres-
sando os temores de que “os gor-
dos barrigudos alemães-oci-
dentais fossem devorados pelos
famélicos e magros alemães-ori-
entais”. Nesse ponto, porém, ele
vê como positivo o fato de não
existir, a esse respeito, uma opi-

contra”.

Pross também não acredita que
a reunificação vá alterar ou amea-
çar o equilíbrio militar da Europa.
“A perspectiva mais perigosa”,
diz ele, “vai no sentido de que a
reunificação das duas Alemanhas
possa perturbar o equilíbrio finan-
ceiro ao qual tentamos chegar na
Europa”. Isto porque, com uma
população de 80 milhões de pes-
soas, a Alemanha reunificada não
é apenas a a potência industrial

dividuais”.

Um exemplo do que isso pode
significar na prática está no fato
de que, dos 320 milhões de habi-
tantes do Mercado Comum Euro-
peu, um em cada quatro é alemão.
Para eliminar o desconforto pro-
vocado por esses números, Pross
apresenta sua solução, com um le-
ve tom de ironia: “Só posso espe-
rar que os europeus, em sua totali-
dade, venham a abolir as cidadanias
nacionais tradicionais”.

Dissidente tcheco volta ao país depois de 21 anos

Era uma noite de São Silvestre
quando o cidadão tcheco Ivan
Bystrina, 66 anos, voltou a seu
país, após longos anos de exílio
forçado na Alemanha Ocidental.
Em 1967, ele havia participado co-
mo cientista político da Primavera
de Praga, movimento que acabou
sufocado pelos tanques soviéticos.

“Fiquei emocionado diante da
enorme quantidade de pessoas
que estavam no centro de Praga
naquele dia 31 de dezembro de
89”, conta Bystrina.

“Fiquei fascinado sobretudo em
ver a juventude que estava nas
praças ou passeando pelas ruas
cantando”, acrescenta o profes-
sor.

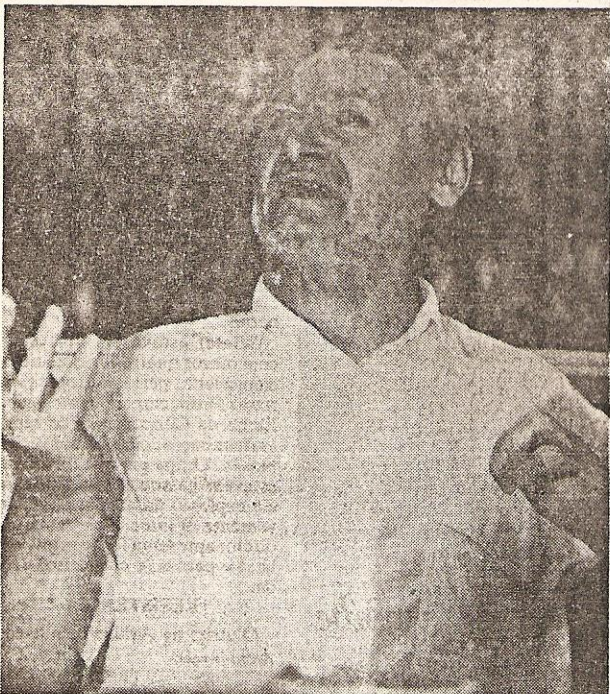
Seu retorno à Tchecoslováquia
só foi possível graças à chamada
Revolução Suave, que tirou os co-
munistas do poder no ano passa-
do, e pegou Bystrina e o mundo
de surpresa. “Foi algo inesperado,
embora nós devêssemos ter espe-
rado por isso”, diz o professor.

Traçando um paralelo entre a
revolução na Tchecoslováquia e a
forma como se deu a democrati-
zação em outras nações do Leste
Europeu, Bystrina comenta: “O
desenvolvimento no nosso país foi
em geral muito positivo, muito
melhor do que na República De-
mocrática Alemã” (antiga Alema-
nhia Oriental).

Ele explica que uma das razões
disso está no fato de que os inte-
lectuais que iniciaram o movimen-
to permaneceram no poder. E
acrescenta: “Agora nós temos al-
gumas tempestades na área eco-
nômica, mas, abstraindo-se disso,
nosso país tem perspectivas muito
positivas pela frente”.

Bystrina não poupa críticas sobre
os anos de governo autoritário:
“A condução dos negócios de
Estado foi, sem dúvida, pouco in-
teligente, não demonstrou condi-
ções de competência e caracteri-
zou-se por uma notável rigidez e
falta de flexibilidade”.

Apesar disso, ele não acredita
que as últimas décadas tenham de-
teriorado excessivamente a situa-



Quem é Ivan Bystrina

Nascido em 1924 na Tchecoslo-
váquia, Ivan Bystrina é formado
em Direito, Filosofia e Ciências
Políticas e doutor pela Universi-
dade de Praga. Realizou estu-
dos avançados na Universidade
de Moscou e fundou o Instituto
de Estado e Direito da Academia
das Ciências da Tchecoslováquia.

Em 1968, foi exilado na Ale-
manha Federal pela sua partici-

pação na Primavera de Praga.
Atuou como professor convidado
nas universidades de Heidel-
berg, Manheim e Bochum. Desde
1971, é professor de Comunica-
ções da Universidade Livre de
Berlim.

Publicou mais de 100 artigos
e oito livros, entre os quais *Dis-
tanciamento e Engajamento*
(83), *Origem e Raízes da Cultura*
(88) e *Semiótica da Cultura* (89).

ção, ou deixado marcas profundas
na cultura do país. Em resposta
à intransigência do governo, conta
Bystrina, “desenvolveu-se um
movimento extraordinariamente
interessante constituído por pes-
soas de todas as camadas da socie-

dade, mas sobretudo por intelec-
tuais, numa estreita colaboração
com os cidadãos da Tchecoslová-
quia que estavam no exílio”.

Exemplo disso, segundo o pro-
fessor, foi o surgimento, naquele

Ilustração: Bar



‘Primavera’ teve fim em 68

Pesquisa A TRIBUNA

Localizada no centro
da Europa, a Tche-
coslováquia tem co-
mo vizinhos a Alemanha, Austria,
Hungria, Polônia e União Soviética.
A população de mais de 16 milhões
de habitantes está num território de
127.896 quilômetros quadrados.

A capital é Praga, com 1,2 milhão
de habitantes que, depois da invasão
nazista em 1938, foi ocupada no dia
21 de agosto de 1968 pelos tanques
soviéticos, pondo fim ao movimento
que se tornou conhecido como “Pri-
mavera de Praga”.

Como a alemã de 1938, a ocupação
russa de 1968 foi de surpresa, come-
çando durante a madrugada, quando
os operários saíam de casa para tra-
balhar, encontrando tanques e carros
blindados nas ruas, em lugar do ha-
bitual transporte coletivo. O objetivo
da intervenção armada na Tchecos-
lováquia era o de suprimir do país
a ideologia de liberdades democrá-
ticas implantada em janeiro daquele
ano, e que previa a descentralização

do poder público; democratização
das relações trabalhistas nas fábricas;
ampliação dos direitos sindicais; ga-
rantia dos direitos individuais; liber-
dade total de expressão; extinção das
empresas deficitárias; adaptação da
produção industrial e agrícola e dos
preços à demanda de mercado; rela-
ções econômicas com o ocidente;
criação de cooperativas econômicas
de autonomia administrativa.

A ocupação, que durou mais de
20 anos, só terminou efetivamente
este ano, com a eleição do Parlamen-
to Livre da Tchecoslováquia, depois
da perestroika e da glasnost. No pe-
ríodo de ocupação soviética, o povo
viveu sob forte regime de opressão,
com a prisão sumária e deportação
de todos os líderes populares, mais
de 200 dos quais nunca foram local-
izados. Com os líderes, as respectivas
famílias também foram perseguidas e
castigadas. Há dez anos, a Tchecoslo-
váquia ainda mantinha presos e depor-
tados mais de 20 mil cidadãos, apon-
tados como adversários de Moscou.

período, de seis a oito editoras
tchecas localizadas fora da Tche-
coslováquia.

Agora, com a abertura, toda es-
sa produção cultural está voltando
a se concentrar na Tchecoslová-
quia. “Com essas editoras retor-

naram ao país os manuscritos, es-
critos ou contrabandeados para o
exterior”, conta Bystrina.

Embora tenha tido pouco con-
tato com a juventude de seu país
para fazer uma análise mais pro-
funda, o professor descreve a nova

geração, num primeiro momento,
como “não-ingênuo, prática, com
uma notável capacidade de apre-
nder, uma forte curiosidade e busca
do novo”.

Nesse ponto, Bystrina deixa
transparecer um misto de esperan-
ça e otimismo: “Se essa geração
continuar assim, eu não temo pelo
futuro do meu país”.

Graças à nova realidade política
da Tchecoslováquia, Bystrina está
preparando seu retorno definitivo
ao país, e já aceitou o cargo de
professor convidado na Universi-
dade de Praga, onde, segundo ele,
poderá conhecer melhor os estu-
dantes tchecos.

De volta ao país, será a hora
de reencontrar velhos companhei-
ros, entre eles o atual primeiro-
ministro da república tcheca, Pie-
ter Piethart, ex-porta-voz do Fó-
rum Cívico e amigo íntimo de By-
strina nos anos 60. Embora já não
tenha tanto contato com ele atual-
mente, o professor diz que vai pro-
curá-lo. Afinal, garante Bystrina,
“os tchecos não costumam esque-
cer seus amigos”.

Na opinião do professor, a im-
portância do presidente soviético
Mikhail Gorbachev no processo
de democratização do Leste Euro-
peu é “imensa”, embora a União
Soviética esteja num diferente es-
tágio de desenvolvimento.

O importante, segundo ele, é
que “o dique formado pela Histó-
ria foi finalmente rompido, e for-
mou-se então uma corrente muito
forte que fez com que todos os
países do Leste Europeu fossem
impelidos para a frente”.

Ainda sobre Gorbachev, By-
strina conta uma curiosidade:
quando fazia seus estudos de pós-
graduação na Universidade de
Moscou, em Moscou, entre 1950
e 54, o atual presidente soviético
era seu colega de alojamento, na
Casa do Estudante. Indagado so-
bre a personalidade de Gorbachev,
o professor não titubeou: “É
muito simpático, mas é um ho-
mem de poder. Ele quer concen-
trar o poder em suas mãos”.